

**100 ANOS DE *DECADÊNCIA*.
JUDITH TEIXEIRA ENTRE O CONTEMPORÂNEO E A ATRAÇÃO
PELO ORIENTE**

***100 YEARS OF DECADENCE.
JUDITH TEIXEIRA: CONTEMPORANEITY AND THE ATTRACTION
OF THE EAST***

**Fabio Mario da Silva
UFRPE**

**Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa -FLUP
Centro de Estudos Clássicos - FLUL**

Resumo: A nossa proposta é apresentar a obra *Decadência* de Judith Teixeira observando o seu conteúdo e as duas primeiras edições. Iremos recorrer ao pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben para pensarmos a ideia de contemporâneo e a sua relação com a obra de estreia da autora, procurando focarmos em dois temas que nos interessam para o debate: a união carnal e a atração pelo estrangeiro, o oriente.

Palavras-chave: *Decadência*, contemporâneo, Judith Teixeira, oriente, consumação carnal.

Abstract: We propose in this article, to present and discuss '*Decadência*', Judith Teixeira's 1923 debut poetry collection, as published in its initial two editions. We employ the Italian philosopher Giorgio Agamben's concept of 'the contemporary' to help us understand Judith Teixeira's earliest published poetry, focusing on two themes that in our view are particularly relevant and revelatory: carnal union and the orientalist gaze.

Keywords: *Decadence*, contemporaneity, Judith Teixeira, east, carnal union.

A EDIÇÃO:

Decadência foi uma obra que marcou uma época, seja pela perseguição dos conservadores à sua venda e distribuição, seja porque expressa de maneira contundente, na história da literatura portuguesa, o desejo sáfico sem estereotipização ou camuflagem.

A obra se insere dentro da chamada polêmica da “Literatura de Sodoma”, expressão referida por Álvaro Maia contra a defesa que Fernando Pessoa faz da obra *Canções* de António Botto, que teve uma edição em 1921 e uma reedição pela editora de Pessoa, a Olisipo, em 1922. Os debates acalorados se seguiram nos

jornais contra esse tipo de publicação, nos quais até o heterônimo de Pessoa, Álvaro de Campos, também se insere para comentar o texto pessoano.

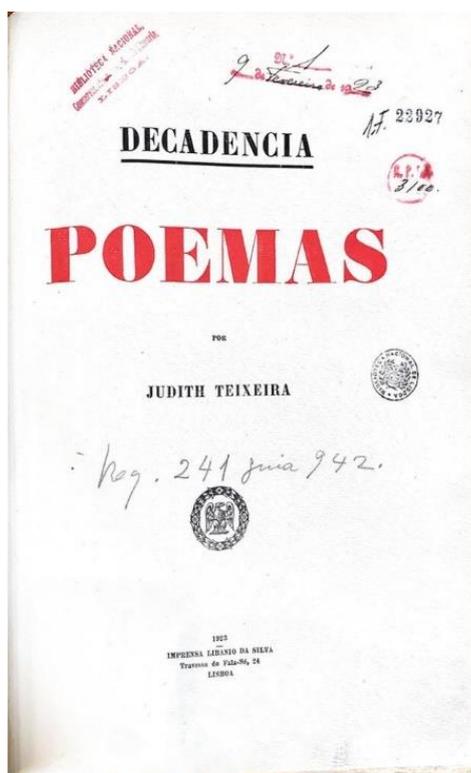
Por seu turno, Raul Leal publica um opúsculo intitulado *Sodoma divinizada* em 15 de fevereiro de 1923,¹ a defender a obra de Botto e a expor as suas ideias sobre a homossexualidade e sua relação com a arte e o misticismo. Seguidamente, em fevereiro de 1923, serão publicados, primeiramente, em *A Época*, de 20 de fevereiro: “‘Higiene moral e social’: os estudantes das escolas superiores de Lisboa vão iniciar um grande e imediato movimento de ação moralizadora”²; no mesmo dia será publicado um recorte do texto anterior no *Diário de Lisboa* intitulado “Acção moralizadora nas escolas superiores de Lisboa”. O que essas narrativas apontam é um discurso incisivo sobre “os sintomas alarmantes” que aconteceram recentemente, desde bailes populares que surgiram no bairro da Graça, até a publicação de obras que seriam “repugnantes” (apud GONÇALVES, 2014, p. 104). Reclama-se que as autoridades não fazem uso das leis que lhe são atribuídas e fazem “vista grossa” ou não veem essas “desavergonhadas manifestações de decência moral” (apud GONÇALVES, 2014, p. 104). Por isso, devido a “depravação de costumes e de espíritos” e a total inércia das autoridades, os estudantes das Escolas Superiores de Lisboa teriam se reunido, sob o comando do líder da Liga dos Estudantes, Pedro Theotónio Pereira, para iniciar um movimento de ação moralizadora com o intuito de reprimir o aumento do “miserável estado social”, referindo que a “pornografia hedionda” estaria por toda Lisboa, desde postais a livros ignominiosos, e determinados a tomarem ações decisivas e enérgicas nos próximos dias. O que ocorreu, de fato, com a recolha dos livros e as manifestações fascistas contra a arte.

Sendo assim, recordemos a cadência dos fatos: a obra de Botto, *Canções*, é de 1921, com reedição em 1922; o opúsculo de Raul Leal é de 15 de fevereiro de 1923; e é em 20 de fevereiro que começa a campanha dos Estudantes das Escolas Superiores de Lisboa contra os livros que consideram “imorais”, sendo que *Decadência* seria um deles. Mas então qual seria a data de publicação dos versos de Judith Teixeira?³ A segunda edição tem data de impressão de 28 de dezembro de 1923, mas na primeira edição, mais rara que a segunda, não há essa indicação. Contudo, no exemplar depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, há a indicação de que a obra veio antes da publicação de Raul Leal, pois o carimbo de entrada nos serviços é de 9 de fevereiro de 1923, sugerindo ser essa a data próxima da impressão.

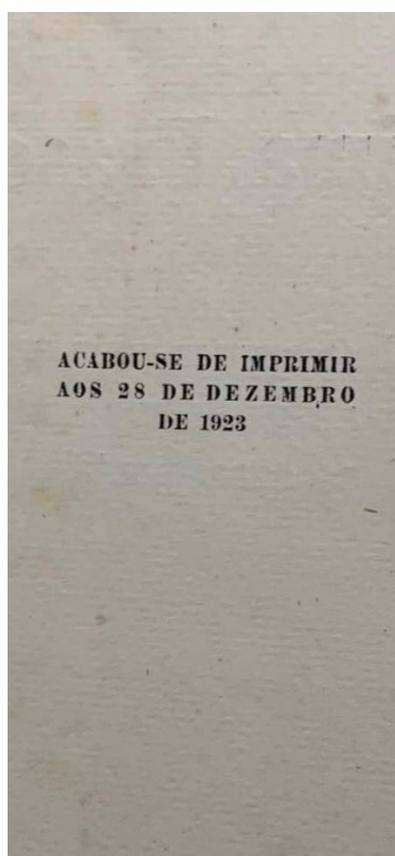
¹ Segundo José Barreto: “No espólio de Fernando Pessoa existe uma cópia de um documento de Raul Leal, datado de 15 de Fevereiro de 1923, declarando a edição em 350 exemplares de 'Sodoma Divinizada' que 'vai ser posta à venda ao preço de um escudo e cinquenta centavos cada exemplar' (BNP/E3, 1153-25). O registo obrigatório da obra na Biblioteca Nacional foi feito a 17 de Fevereiro (BNP/E3, 28A-26).” (2012, p. 242)

² Todos os textos citados pela polémica no nosso artigo foram recolhidos e publicados por Zetho Cunha Gonçalves numa obra intitulada *Notícias do maior escândalo erótico-social do século XX em Portugal* de 2014.

³ Na nossa obra, *Judith Teixeira: múltiplos olhares*, em vias de publicação, há uma maior reflexão de como a obra *Decadência* se insere na chamada polémica da “Literatura de Sodoma”.



Subcapa da edição, exemplar raro. Espólio da Biblioteca Nacional de Portugal



Última página da 2ª edição indica a data de impressão. Arquivo pessoal

Então, se confirma que *Decadência* tem a primeira edição, por volta ou antes de 9 de fevereiro de 1923, e que já a segunda é impressa em 28 de dezembro do mesmo ano. São 10 meses de intervalo que apontam a insistência da autora em confrontar os seus perseguidores publicando novamente uma obra que se viu retirada, em determinada altura, das montras das livrarias. Ao compararmos as duas edições, contudo, verificamos terem a mesma matriz de impressão.

Judith ainda publicou *Castelo de Sombras* em 1923. Saíram também algumas notas em jornais sobre *Decadência*. A primeira delas é sem autoria, em 16 de fevereiro de 1923, no *Diário de Lisboa*, e diz o seguinte: “com desusado luxo, em outros tempos incompatível com as musas, mas com certo bom gosto, acaba a distintíssima poetiza Judith Teixeira de publicar um volume de versos intitulado *Decadência*.” (s.a., 1923, p. 1).⁴ No mesmo jornal, no dia 6 de março de 1923, é publicada uma reportagem intitulada “A Polícia e as Letras. O caso da apreensão dos livros e o que nos afirma D. Judith Teixeira.”, entrevista na qual a autora expõe a sua opinião sobre a apreensão de *Decadência*.

De maneira muito tranquila, Judith declara que essa não seria a última injustiça dos homens e afirma que o seu livro pode conter “qualquer nota decadente, uma ou outra mancha de côr sensual, mais rubra, além da meta dos preconceitos, mas também lá se encontra muita ansiedade, muita dôr, muita alma – e tudo é méra atitude literária.” (TEIXEIRA, 1923, p. 5). A autora relembra que obras, por exemplo, como as de Émile Zola, Filipe Trigo, o marquês d’Hoyos, Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Santa Teresa de Ávila e até a própria Bíblia possuem o “genio sensual, sem que por isso se tenha turvado o sono dos meus opressores” (*idem, ibidem*). Isso porque, o governador civil de Lisboa, num intuito de moralização, ordenou a apreensão de algumas obras de escritores novatos que publicaram obras com um “ultraje à moral”. A própria Judith diz nessa entrevista que há necessidade de moralizar a sociedade, mas difícil seria fiscalizar e definir “com inteireza esta palavra moralista!” (*idem, ibidem*)⁵.

Outra observação a fazer é que nos poemas de *Decadência* há marcação temporal de datas, como a estação do ano, cidade/país (também uma datação de Sevilha, Espanha), mês, ambiente (por exemplo, no meu *boudoir*), clima (tarde cinzenta) ou de tempo (matutino, vespertino ou noite). Isso indica que a sua produção foi escrita entre 1919 e dezembro de 1922 (a maioria dos poemas, cerca de 24, foram todos escritos nesse ano). Isto quer dizer que Judith teve acesso à primeira edição da obra de Botto, visto que eram amigos e ela lhe dedica um verso (“Ao amigo António Botto, inédito publicado por Alonso e Fabio em 2015) e também à polêmica instaurada na *Revista Contemporânea* com a defesa dos versos de Botto por Pessoa (julho de 1922) e aos ataques que o próprio Pessoa ia sofrer de Álvaro Maia (outubro de 1922).

Por isso, Judith Teixeira se insere, na ótica de José Carlos Seabra Pereira, “na reformulação escandalosa e inorgânica do erotismo maldito, remanescente do Decadentismo finissecular”, referindo que a escritora “escandaliza como um António Botto feminino no amoralismo erótico” (2019, p. 219).

Por seu turno, Maria Lúcia Dal Farra alude que seus poemas contêm “um fundo decadentista com *décor* próprio de sedas, coxins, flores, tapeçarias, quadros, espelhos, fausto oriental, estofos, painéis, mármore, vitrais, enfim, um espaço de alcova, de intimidade, de fechamento, de calidez artificial, de fuga à luz e à natureza.” (2010, p. 846)

Cláudia Pazos Alonso ainda revela que *Decadência* “situa-se a meio do caminho entre uma estética finissecular e um ímpeto modernista irreprimível, oscilando momentos sombrios (...) e momentos sensuais que desabroçam como flores” (2021, p. 29)

⁴ O jornal se encontra digitalizado e a referida nota se encontra no seguinte endereço eletrônico: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05740.004.00850>, acesso em 16 de maio de 2023.

⁵ Entrevista disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05740.004.00865#!5>, acesso em 16 de maio de 2023.

Por fim, Suilei Giavara apresenta uma nova proposta estética para a leitura da obra de estreia judithiana, a incluindo com características do Surrealismo: “assim como em toda a obra poética de Judith Teixeira, (...) também é possível divisar motivos típicos da estética surrealista/decadente como, por exemplo, a predileção pelo onirismo e pelo universo fantástico, pelas figuras míticas e por uma imaginação excessivamente criativa.” (2022, p. 417)

DECADÊNCIA, O CONTEMPORÂNEO E A ATRAÇÃO PELO ORIENTE

É certo que muito da literatura e poesia finissecular se perdeu no estilo dos atuais poetas portugueses e que a obra *Decadência* exprime a máxima influência de Judith Teixeira sofrida pelo decadentismo-simbolismo, com temas ligados à efemeridade, ao isolamento, ao erotismo, ao aprisionamento e ao sofrimento da alma. Por exemplo, há duas epígrafes em forma de versos que abrem a obra: a primeira datada de outono de 1921, na qual revela-se uma vida “tão cansada de sofrer” e numa “agonia lenta de viver” e uma segunda, de dezembro de 1922, na qual se diz estar vivendo um “eterno conflito” e que possuindo um coração esfacelado, visto que este é “um triste prisioneiro/ dentro dum cárcere maldito!” (2015, p. 41).⁶ Essas duas epígrafes vão dialogar com os dois primeiros poemas, dentro da perspectiva de uma tristeza profunda e de uma herança maldita: “Eu sou a alma penada/ de outra que foi desgraçada! (...) Sou o castigo fatal/ dum negro crime ancestral, em convulsões de loucura” (“Predestinada”, p. 43). Já o segundo poema, intitulado “Onde vou?” afirma-se que se é “triste por atavismo” e ainda se questiona:

Onde vou eu, onde vou?
Já nem sei donde parti...
Se eu mesma não sei quem sou!
Achei-me dentro de ti.

Eu fui ninguém que passou,
eu não fui, nunca me vi...
Fui asa que palpitou –
Eu só agora existi. (p. 44)

Como se observa, “Onde vou” reflete a ambiguidade do sujeito poético, a oscilação é operada entre uma representação disfórica do eu e a sua relação com um outro, por isso é comum encontramos na poética judithiana imagens eufóricas e de derrocada revelando uma oscilação e dispersão do sujeito poético. Características essas que já fizeram com que a crítica aproximasse seus versos aos de Mário de Sá-Carneiro (cf. DUMAS, 2017). Contudo, não deixa de ser premente o diálogo que essa obra tem com algumas questões contemporâneas atuais e como ela nos ajuda a repensar temas e certas posturas sociais na altura em que *Decadência* foi escrita.

⁶ Utilizamos como base a edição *Poesia e Prosa* de Judith Teixeira com organização de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, de 2015. Todas as referências a seguir dizem respeito a essa edição, por isso apenas será citado o número de página correspondente ao poema citado em pauta.

Em relação ao lexema “contemporâneo”, lembremo-nos que ele tem sua definição, em geral, como nos *Dicionários* de Rafael Bluteau⁷ e o Michaelis⁸, como aquilo que é do mesmo tempo, coevo. Ou seja, os dicionários afirmam em geral que “contemporâneo” se refere a um tempo presente, a atualidade. Contudo, Agamben propõe pensar esse termo como algo que está além da atualidade; e procura refletir sobre a categoria de temporalidade e de contemporâneo, tentando pensar esse conceito sem associação direta com um tempo fixo. Para isso o filósofo italiano se pergunta de quem é que somos contemporâneos, de maneira que entende esse vocábulo como “intempestivo”. Agamben continua afirmando que aqueles que coincidem muito com sua época, que a ela aderem perfeitamente, não são contemporâneos “porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.” (2010, p. 59) e ainda complementa:

Pertencer verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (2010, p. 58-59)

Agamben estabelece então a ideia de descontinuação e anacronismo como categorias importantes para se pensar o contemporâneo e, em relação à literatura, entende que as obras que conseguem exprimir não os valores ou visões do seu tempo, mas que rompem com esse padrão, são as que seriam verdadeiramente contemporâneas:

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (...) perceber que esse escuro não é uma forma de inércia ou de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provém da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes. (2010, p. 62-63)

Agamben chega à conclusão que ser contemporâneo é ter coragem para não manter apenas um olhar fixo nesse “escuro” de sua época, mas entender nesse “escuro” uma luz, isto quer dizer que compreender o compromisso que está na contemporaneidade não “tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma”. (p. 165). Assim, enxergar além do senso comum, é estar apto para apreender a significação que vai além das demandas temporais, esquivando-se de certezas e padrões absolutos de um determinado tempo e espaço.

O escritor contemporâneo seria um sujeito, nessa perspectiva, não adequado à sua realidade. Judith Teixeira se enquadra nessa proposta de contemporâneo de Agamben pois mesmo construindo uma poética com formas clássicas de estilo epocal recorrente desde o século XIX, afasta-se do tradicional quando elabora uma literatura num movimento contrário de resignificação ao cantar o amor lesbo e ao tocar em questões indigestas para a altura. Poetizar práticas eróticas diferentes do padrão heteronormativo é uma maneira de revelação e interpretação de uma época, expondo a “escuridão” de que fala Agamben. Por isso, em Judith

⁷ No seguinte endereço eletrônico: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-portuguesa-recompilado-dos-vocabularios-impresos-ate-agora-e-nesta-segundaedi%C3%A7%C3%A3o-novamente-emendado-e-muito-acrescentado-por-antonio-de-moraes-silva/?q=contempor%C3%A2neo>, acesso em 10 de maio de 2023.

⁸ Verificar em :<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/contempor%C3%A2neo/>, acesso em 10 de maio de 2023.

encontramos um sujeito contemporâneo que tem a intenção de transgredir e revelar as próprias agruras do seu tempo. Lembremo-nos também que a autora começa a colaborar com uma revista muito importante antes da publicação de *Decadência*, a *Contemporânea* e publica poemas como “Fim” (junho de 1922) e “O Meu Chinês” (Natal de 1922). Essa revista publicou uma série de escritores modernistas e aponta a relação entre o termo contemporâneo e a ideia de invocação artística com essa nova estética literária que começa a surgir.

Contextualmente falando, Judith publica sua primeira obra bem na efervescência dos chamados “loucos anos 20”, numa sociedade que surge à velocidade das máquinas e as aspirações de liberdade, num “período de otimismo, progresso e excentricidade, perpetuando no imaginário coletivo uma época de loucura, durante a qual germina (ironia das ironias) a semente de um autoritarismo de consequências devastadoras” (MAGALHÃES, 2021, p. 10). Assim, apesar dessa abertura, encontramos um movimento reverso de conservadorismo que começa a surgir. No caso da nossa poetisa, essa repressão vem exatamente dos Estudantes das Escolas Superiores de Lisboa que se unem para tentar proibir a venda de obra com conteúdo (que hoje se denominaria) *queer*, ou como eles dizem, de conteúdo “imoral”,

Na atualidade, após alguns governos de posturas mais progressistas em boa parte do mundo ocidental, assistiu-se à eleição de Trump, Bolsonaro, Orbán e o crescente progresso de partidos radicais de extrema direita, como o Chega! em Portugal, que já é a terceira força política e vem ganhando espaço no parlamento. Esses partidos conservadores possuem um discurso que condena a relação homo/lesbo, reafirmando preconceitos históricos para validar a homofobia e tudo aquilo que é diferente de um padrão nacional, branco e heteronormativo. É exatamente na contramão dessa visão repressora sociocultural que *Decadência* se insere para reavaliarmos a presença desse livro nos dias atuais: como uma obra que ainda surge contra a moralidade que volta e meia pretende se fazer presente. Visto que ainda hoje, apesar de diversas conquistas em Portugal dos direitos LGBTQIPA+, há ainda um discurso velado contra expressões e afirmações fora dos padrões heteronormativos. E a poesia de Judith Teixeira faz questão não apenas de se referir ao amor entre duas mulheres, mas vai citar e interagir com diversas imagens fora dos padrões sociais, como a dos estrangeiros.

Como já referimos, na poesia de Judith, a Beleza equivale “aquilo que é considerado exótico, ardente e, principalmente, bizarro, fatores que escandalizam a sociedade e os mais conservadores do seu tempo.” (SILVA, 2019, p. 46). Dessa maneira, a autora socorre-se de elementos e personagens considerados “bizarros”, “socialmente marginais, como ciganas, anões, bacantes (cortesãs), corpos estáticos femininos nus, bem como a violência da paixão amorosa, devem ser cantados e aclamados sem nenhum pudor.” (SILVA, 2019, p. 53) para rever padrões estáticos e de sociabilidade. Há, sobretudo, dois aspectos em *Decadência* que gostaríamos de comentar mais detalhadamente. Um sobre a presença dos estrangeiros, da atração pelo oriente, e outro sobre a necessidade de consumação carnal.

José Carlos Seabra Pereira já referiu que na obra de Judith Teixeira encontramos a “provocação andrógina” (2019, p. 219) que funciona como uma componente do erotismo em sua poesia. Em “Liberta”, por exemplo, o eu lírico diz: “E o meu olhar ansioso/ fundiu-se no teu” (p. 77), numa estreita propensão pela busca corpórea amorosa, a procura da fusão andrógina. Contudo, é preciso lembrar, como bem atenta Fernando Cascais, que o tema da androginia é fundacional na cultura ocidental e remonta ao discurso de Aristófanes no *Banquete* platônico sobre o andrógino matricial. Mas o crítico revela que apesar das muitas equívocas leituras cristianizantes e modernizantes:

quando os Gregos não eram nem cristãos nem modernos, a demanda da metade perdida não é de modo nenhum impulsionada, em Aristófanes, pela diferença sexual. A falta que a desencadeia não decorre da diferença anatômica, como se cada sexo procurasse complementar-se com aquilo que anatomicamente o outro possui para colmatar a sua própria carência orgânica. Nada autoriza uma leitura heterossexualizante – e heteronormativa – do *Banquete* e Aristófanes tanto concebe uniões de duas metades com

sexos diferentes como uniões entre indivíduos do mesmo sexo, machos e fêmeas. (2022, p. 198)

Por isso, em “Perfis Decadentes” a consumação carnal entre duas mulheres acontece por meio da fusão corpórea e também sanguínea:

Fitaram-se as bocas sensuais!
Os corpos subtilizados,
femininos,
entre mil cintilações
irreais,
enlaçaram-se
nos braços longos e finos!
.....
E morderam-se as bocas abrasadas,
em contorções de fúria, ensanguentadas! (p. 61)

O sangue serve como elo entre dois corpos, o sujeito poético e seu objeto de desejo utilizam o sangue quase como um pacto, união de duas almas,⁹ também associado a uma continuidade e aquilo que é ardente. Aliás, em “Rosas vermelhas”, descreve-se que “Toda a noite me piquei/ nos seus agudos espinhos!/ E toda a noite as beijei/ em desalinhos...” (p. 69). Para se obter o sangue é preciso provocar dor, essa dor tem relação direta com o prazer despertado no eu lírico que também se apaixona pela própria imagem numa relação narcísica, no qual reconhece o desejo pelo próprio corpo: “Meu lindo corpo de Leda,/ fascina-me, enamorada/ de todo o meu próprio encanto...” (p. 73). A sua boca tenta beijar “o seio branco erguido/ que no cristal do espelho ficou refletido”, encerrando o poema a falar de “impossíveis desejos”, diante das suas “grandes ilusões” (p. 74). Já em “A minha colcha encarnada”, há uma cena erótica com esse objeto inanimado que possui um “perfume estonteante” e que é feito de “cetins rogaçantes”. Assim, o eu lírico toma posse dessa colcha e rasga as “sedas provocantes”, numa alusão a penetração. Ao esfregar o cetim em suas mãos sente-se sua “carne abrasada”, numa volúpia da procura da consumação do gozo: “Torcem-me o corpo desejos.../ mordendo o cetim com beijos/ numa ânsia desgrenhada!” (p. 81)

Em “A minha amante”, a figura da mulher desejada é tão intensa que o sujeito poético possui características de quem ama: “que seja qual for/ o meu aspecto/ tu estás/ na minha fisionomia/ e no meu gesto!” (p. 82), numa proposta de dois serem um único sujeito.

Há um outro aspecto importante em *Decadência*: a imagem dos orientais, do estrangeirado. Sabemos que em sociedades conservadoras, a nacionalidade é expressão máxima e a imigração é vista como algo nocivo e a combater. Contudo, na contramão dessa postura, na poética de Judith há uma atração e alusão intensa ao oriente, não apenas em seu livro de estreia.¹⁰ Por exemplo, em *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926), há um conjunto de sete poemas sob o título de “Amores de Sheherazade” no qual a temática erótica comparece de maneira bem enfática através desse mito oriental e em torno dessa mulher. Essa atração pelo oriente aparece em *Decadência* nos seguintes poemas: em “Perfis Decadentes” fala-se de “sedas orientais/ de cores luxuriantes” (p. 60); em “O teu perfil” alude-se ao espaço da sua casa “Gosto mais/ de queimar incenso,/ na minha sala

⁹ Segundo o *Dicionário dos Símbolos*, o sangue representa todos os valores solidários do fogo, do calor e da vida (seu vínculo com a vida, segundo uma leitura bíblica), sendo que esses valores se associam a tudo o que é belo, considerado por alguns povos como o vínculo com a alma: “a veces se toma incluso como el principio de la generación” (Chevalier; Gheerbrant, 1986, p. 909).

¹⁰ Lembremo-nos que o oriente é tema frequente na literatura portuguesa e francesa do século XIX.

oriental” (p. 80), exprimindo o gosto pelas tradições e espaços orientais em detrimento do estilo português. Os orientais, mais especificamente os chineses, são citados numa cena erótico-amorosa em “O meu chinês”: “tem um ar tão sensual o meu Chinês” que possui “olhos de seda” – a seda representa um componente ligado ao erotismo, como já observamos – e “Ele vive sobre uma almofada/ de cetim bardada/ pintada a cores”. A cena descreve que numa ânsia inquieta, o eu lírico leva o seu enamorado, através de uma viagem, quase como que em um devaneio onírico (componente presente na literatura simbolista), para “alcovas orientais” para “países distantes” para realizar as “horas sensuais,/ as horas delirantes/ com que eu sonhei...” (p. 48). O poema se encerra a dizer que “Eu e o meu Chinês/ temos fugido tanta, tanta vez” (p. 49), colocando os dois amados em pé de igualdade e em sintonia amorosa. Assim, a atração pelo oriente na poética de Judith Teixeira aparece como melhor maneira de expressar a valorização da cultura oriental que a fascina:

Essa visão do Outro – de um conhecimento que o ocidente elaborou a respeito do oriente, no sentido de sua dominação do Oeste e uma subordinação do Leste – não se efetiva em Judith. Evidentemente, essa referência é introduzida em sua poesia como aquilo que é diferente de si, exótico e estranho ao olhar do europeu, e que por isso mesmo atrai o sujeito poético, porquanto seria um ideal de beleza outro, contrário às normas sociais tradicionais vigentes. (Silva, 2019, p. 49)

Assim, num contexto em que o fascismo e as perseguições ideológicas começam a reprimir a arte, *Decadência* vem expressar toda uma componente contrária ao pensamento vigente repressor, o que fez com que na altura tentassem silenciar a sua obra. Contudo, a autora foi sendo resgatada a partir de 1996 quando as Edições & etc reeditou a sua obra, o que culminou em diversas outras edições e, posteriormente, num Congresso Internacional em Homenagem a Judith Teixeira,¹¹ realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e no Palácio da Independência em 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Judith Teixeira produz uma obra em meio a uma certa liberdade artística com os loucos anos 20, mas ao mesmo tempo a uma forte repressão que ia se instaurar em Portugal. Ela produz versos que tematizam a consumação carnal em uma latência transgressora ao expressar liberdade. Ao mesmo tempo que a autora recupera a tradição do formato finissecular de fazer versos, se afasta mostrando um desejo contínuo de romper o estado de um ser incompleto, sempre à procura da realização erótica num desejo de fusão de um corpo no outro, numa atitude de completude andrógena (e lésbica em alguns poemas).

Trata-se de uma poesia erótica em que o pudor e a moralidade são colocados de lado, por isso ela dialoga com ciganas, caminhoneiros, anões, prostitutas, dançarinas, palhaços, típicos, todo o tipo de imagem considerada à margem da sociedade burguesa. A atração pelo oriente, por conseguinte, é uma outra maneira de erotizar os seus poemas e de dar destaque às suas preferências por essa cultura. Aliás, essa preferência pelo estilo do oriental pode ser vista até na mobília da casa de Judith. Por exemplo, numa entrevista que concedida a José Sancho-Dias, o jornalista descreve a sala da escritora: “correndo ainda o olhar na sala Luiz XVI, sóbria e distinta, atravessamos a sala oriental onde um baldaquino rubro sangra” (1923, p. 18). É como descreve também uma nota anônima publicada na *Ilustração Portuguesa*,¹² a 21 de janeiro de 1922, com o título

¹¹ Os textos decorrentes deste congresso resultaram na obra *Judith Teixeira: ensaios críticos no centenário do modernismo*. Lisboa/Viseu/Porto: Edições Esgotadas, 2017.

¹² Disponível no seguinte endereço eletrônico: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1922/N831/N831_item1/P19.html, acesso em 10 de maio de 2023.

“Interiores de arte. A casa de Lena de Valois”: “sala oriental, forrada inteiramente de brocados e damascos, desde a sala de jantar, de maravilhosa talha Renascença” (1922, s. p.)

Em suma, como vimos, Judith Teixeira com a publicação de *Decadência* se insere dentro da lógica de Agamben de ser uma escritora realmente contemporânea, no sentido de descurar, tornar visível uma realidade considerada obscura para a sua época. Por conseguinte, na nossa realidade contemporânea, nesses 100 anos de comemoração da publicação da obra, *Decadência* nos ajuda a pensar nesse movimento de liberdade e de opressão que as sociedades criam através de governantes e de cidadãos que procuram através da vigilância e da punição controlar a criação artística e a sexualidade fora dos padrões considerados “normais”.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Cláudia Pazos. A modernista que deu corpo ao manifesto. In: *Público*. Lisboa, 21 de maio de 1921, p. 29.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: editora da Unochapecó, 2009.
- BARRETO, José. Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923. In: *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*. Brown Digital Repository: Brown University Library, 2012, p. 240-270. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/27612/3/PP2_artigo8.pdf>, acesso em 19 de fevereiro de 2023.
- CASCAIS, António Fernando. Sodoma Revisitada, Sodoma Redivivizada. In: *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*. Brown Digital Repository: Brown University Library, 2022, p. 185-211. Disponível em: <<https://doi.org/10.26300/xz7q-t175>>. Acesso em 20 de janeiro de 2023.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de los símbolos*. Trad. Manuel Silvar e Arturo Rodríguez. Barcelona: Editorial Herder, 1986,
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Judith Teixeira. In: MARTINS, Fernando Cabral. *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010, p. 845-846.
- DUMAS, Catherine. De si em Artista, ou o Futurismo segundo Judith Teixeira em *De Mim*. In: SILVA, Fabio Mario et al. (org.). *Judith Teixeira: ensaios críticos. No centenário do modernismo*. Viseu: Edições Esgotadas, 2017, p. 123-134.
- GIAVARA, Suilei. O mundo surreal de Judith Teixeira. In: OLIVEIRA, Rodrigo Santos de; NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. *História, cultura e política no mundo lusófono*. Vol.2. São Paulo: Liber Ars, 2022, p. 415-428.
- GIAVARA, Suilei Monteiro. *Poéticas Interditas: erotismo, subversão e repúdio em Florbela Espanca (1894 – 1930) e Judith Teixeira (1880 – 1959)*. Tese de doutorado. Assis: UNESP, 2015.
- GONÇALVES, Zetho Cunha (org.). *Notícia do maior escândalo erótico-social do século XX em Portugal*. Lisboa: Letra Livre, 2014.
- MAGALHÃES, Paula Gomes. *Os Loucos anos 20. Diário da Lisboa Boémia*. Lisboa: Planeta, 2021.
- PEREIRA, José Carlos Seabra. *As literaturas em língua portuguesa (das origens aos dias atuais)*. Prefácio Carlos Ascenso André. Lisboa: Gradiva, 2019.
- S. A. Nota. In *Diário de Lisboa*. Nº 571. Ano 2, Sexta, 16 de Fevereiro de 1923, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos. Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32759. Acesso em 5 de maio de 2023.

S.A. “Interiores de arte. A casa de Lena de Valois”. In *Ilustração portuguesa*. Director J. J. da Silva Graça. N.º 831. Lisboa, 21 de janeiro de 1922, s. p. Disponível em: https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1922/N831/N831_master/JPG/N831_019_branca_t0.jpg. Acesso em 10 de maio de 2023.

SILVA, Antonio de Moraes. Bluteau, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. 1. ed. Lisboa,:Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX [1789]. 2v.: v. 1: xxii, 752 p.; v. 2: 541 p.

SILVA, Fabio Mario da. As bizarras de Judith Teixeira. In *Iberic@l*. N. 16. Paris: Sorbonne 2019, p. 45-54. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/numeros/Iberic@l-no16-automne-2019.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro 2023.

SILVA, Fabio Mario da; RITA, Annabela; DAL FARRA, Maria Lúcia; VILELA, Ana Luísa; OLIVEIRA, Ana Maria (orgs.). *Judith Teixeira: ensaios críticos no centenário do modernismo*. Lisboa/ Viseu/Porto: Edições Esgotadas, 2017.

TEXEIRA, Judith. *Poesia e Prosa*. Org. e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015.

TEXEIRA, Judith. *Decadência*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1923.

TEXEIRA, Judith. *Decadência*. 2.ª edição. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1923.

TEXEIRA, Judith. A Polícia e as Letras. O caso da apreensão dos livros e o que nos afirma D. Judith Teixeira. In *Diário de Lisboa*. Nº 586, Ano 2, Terça, 6 de Março de 1923, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos. Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32787. Acesso em 17 de maio de 2023

Fabio Mario da Silva

Professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, atuando na graduação e no Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL). Docente colaborador ao Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Pós-doutorado em Literatura Portuguesa (USP) e em Estudos Portugueses (Universidade de Lisboa), Doutor em Literatura e Mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora. Pesquisador colaborador do CEC (Centro de Estudos Clássicos), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o ILCML (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. ORCID: 0000-0002-7034-1260.

Recebido em 30/05/2023.

Aceito em 30/07/2023.